

## “O tempo entre as margens”.

Só quero acrescentar uma palavrinha mais, melhor dizendo, uma pergunta.

A água também corre no vosso país? (não me lembro se já mo disseram). E também provoca arrepios, se for mesmo água?

Se eu gosto de água? Não sei. Sentimo-nos tão sós se estamos dentro de água e ela está fria. Já é completamente diferente se ela estiver quente. Então? Como ajuizar? O que pensam da água vocês, quando falam dela sem disfarces, de coração aberto?

Estou a escrever-vos de um país distante  
Henri Michaux

## O tempo entre as margens

Semi-imersos em água (tempo) parada, ou estáticos – alguns em posição de prece – no meio de um caminho (tempo) deserto, estes seres verticais (cavaleiros, mulheres, touros, cavalos) marcam um tempo gestatório, não associativo, um tempo que se prepara para algo, só que de forma interminável, infundável.

Ou seja, no país deles falta qualquer coisa, a água não corre, a viagem é solitária, tudo é interior, uterino.

Estes seres nada mais sentem que as suas transformações sucessivas, perpétuas, frio e calor não – há muito tempo que foram esquecidos - , agora existe apenas a “temperatura ambiente”. E estes estranhos cavalos esculpido, deuses silenciosos, que temos para lhes sacrificar? Deuses mediterrânicos, lunares, que há tanto tempo esperam para abandonar as cavernas da nossa consciência, que já só têm por linguagem a metamorfose, a derradeira esperança de uma jovialidade sem recursos.

Estarão condenados a um dia em que nós próprios já tenhamos desaparecido e, ao contemplarem pela primeira vez a luz do dia, se defrontarem apenas com o reflexo da sua solidão? O reflexo da última imagem de si próprios.

É preciso sacrificar-lhes alguma coisa. O nosso horizonte, o nosso Sol do meio-dia talvez.

Algo mais que o lixo tóxico despejado nas grutas do Minotauro ou o alcatrão lançado nas praias das nereidas.

O jogo destes milenários jovens melancólicos, nós não o compreendemos. O seu país, todavia, não pode desaparecer. Ou então corremos nós o risco de ver desvanecer-se o nosso próprio espaço físico e mental, à semelhança do que diz Borges:

Não haverá nunca uma porta. Estás do lado de dentro e a fortaleza abarca o universo e não tem verso nem reverso, nem muralha exterior, nem um centro secreto.

Não esperes que a dureza do teu caminho,  
que tenazmente se bifurca num outro,

que tenazmente se bifurca num outro,  
alguma vez abrande. É de ferro o teu destino,  
tal como o teu juiz. Não contes com a investida  
do touro que é um homem e cuja estranha forma plural dá  
horror ao emaranhado de interminável pedra entrelaçada.  
Não existe (essa porta). Nada esperes. Nem sequer, no negro  
Crepúsculo, a fera.

O labirinto  
Jorge Luís Borges

No seu trabalho, Canau Espadinha recorre a um processo de criação da imagem que passa pela execução de múltiplos esboços e estudos, que rodeiam a solução preferida, mas que não tendem a singularizá-la necessariamente. Isto é óbvio numa parte dos trabalhos aqui expostos (nalguns desenhos e gravuras) e poderia ser mais ostensivo, se o artista o tivesse desejado.

A repetição de imagens próximas é método corrente na história da pintura – refira-se como exemplo disso as catedrais impressionistas de Monet ou a sucessão pop de garrafas de Coca-Cola ou de fotografias de Marilyn Monroe de Andy Warhol.

Há dois aspectos, no entanto, no que se refere à obra de Canau Espadinha, que terão talvez a ver directamente com a evocação que ele tem vindo a fazer dos ícones desta memória mediterrânica e a forma como os relaciona com a cultura actual.

Por um lado, constato a força de atracção que estas imagens míticas exercem sobre nós, como que lavando a nossa imagética de todos os sabonetes e cromados da nossa visão consumista, e curiosamente cavernosa, à semelhança do labirinto do Minotauro, visto os nossos centros comerciais – esperemos que o Minotauro por lá ande também para nos exortar a sair – serem quase tão labirínticos e subterrâneos como as brechas da terra grega e as nossas televisões por cabo ou satélite nos trazerem igualmente as imagens pelo subsolo ou nas asas de Apolo.

Por outro lado, as metamorfoses minuciosamente referenciadas destes seres em casulo, à espera talvez de um dia poderem afastar-se de nós (mas levando-nos ainda atrás deles, quero acreditar), fazem com que eles me lembrem alguém que perdeu, por exemplo, a visão ou a audição ou a capacidade de se aperceber do mistério, do outro, e então algo dentro desse ser o torna hiper-sensível, infalível, uma arma de sobrevivência, e é essa sensibilidade, essa concentração aplicada que nos impressiona e choca.

Seja por estas razões ou outras, o espectáculo da obra de Canau Espadinha parece-me habitar mais do que o recinto desta exposição. Habita igualmente uma zona de imaginário primordial, uma zona de reserva, de “parque sobrenatural” que alerta, em última análise, para a urgência de proteger da extinção a nossa possibilidade de ver o outro, ou seja, de nos vermos a nós próprios.

Sérgio Portugal  
Lisboa, Maio de 1995

